

O MEIO URBANO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA: A FALTA DE UM MEIO URBANO DE QUALIDADE NAS REGIÕES LATINO-AMERICANAS¹

THE URBAN SOCIAL ENVIRONMENT IN LATIN AMERICA: THE LACK OF A QUALITY URBAN ENVIRONMENT IN LATIN AMERICAN REGIONS

Gabriela Gonçalves de Carvalho²

Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i2.93>

Recebido em: 06.10.2024

Aceito em: 24.11.2024

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de dissertar sobre a formação do meio urbano dos países da América Latina, com ênfase em sua formação histórica e social e as consequências que perduram até os dias atuais de falta de políticas públicas e descaso governamental e da própria sociedade em desenvolver e preservar um meio urbano social adequado. Dentro do tópico de “Comunidade e América Latina”, é desenvolvido como uma estrutura precária prejudica uma comunidade como a latino-americana. Por meio de análise e pensamento crítico, é feita uma percepção de formação, estruturação e resultado de um processo que acontece há mais de 500 anos.

Palavras-chave: América Latina; Urbanização; Desigualdade; Mobilidade.

Abstract: This article seeks to examine the formation of the urban environment in Latin American countries, with an emphasis on its historical and social development, as well as the enduring consequences of inadequate public policies and governmental neglect, alongside society’s own shortcomings in developing and preserving an appropriate social urban environment. Within the theme of “Community and Latin America,” the discussion addresses how a precarious structural framework adversely affects a community such as that of Latin America. Through analysis and critical reflection, this work aims to elucidate the formation, structuring, and results of a process that has unfolded over the past 500 years.

Keywords: Latin America; Urbanization; Inequality; Mobility.

Nasci e cresci na América Latina, especificamente no Brasil, e mesmo com acesso a muita coisa além do básico, viver no meio latino-americano é vivenciar frequentemente a desigualdade social. Seja no mercado com pessoas na frente pedindo uma cesta básica, seja em encontros familiares em que os primos conversam sobre a vida e eu em uma escola particular e eles em uma escola particular com uma grande discrepância. Nos centros urbanos isso se torna mais evidente, por ser um espaço que se em mais oportunidades de estudo e emprego e há uma maior migração de cidadãos para estas localidades, assim, essa realidade de mais oportunidades não alcança todas as pessoas e muitas, sem ter pra onde voltar, decidem permanecer nesses centros e precisam se submeter a subempregos e morar em regiões mais distantes da parte central da cidade por ser o preço que conseguem pagar. Desse modo, com esse presente contexto, principalmente

1 O presente artigo participou do Prêmio Miroslav Milovic “Juventude Filósofa” no ano de 2024.

2 Graduanda em Relações Internacionais no Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP).



na América Latina, é possível notar nas cidades uma discrepância em relação a moradias, e até o acesso que pessoas que moram em certas regiões tem ou não tem, mesmo em elementos básicos como água, luz, tratamento de esgotos, entre tantos outros. Por fim, esse artigo busca analisar e refletir sobre a situação dos grandes centros urbanos na América Latina, que possuem muitas semelhanças estruturais, históricas e culturais.

A grande questão desse artigo, é transcreever muito do que eu já vi e além disso, ao incluir outros países e regiões do sul global que constantemente são as vítimas que precisam se adaptar ao sistema global e aceitar o que é dito principalmente pelo norte global para poder ter o mínimo de destaque no sistema internacional. É utilizado a metodologia de análise e visão crítica sobre fatos observados na realidade latino-americana.

1 Introdução

A América Latina é uma região que não possui uma única definição. Ela tem 21 milhões de km² de extensão e é habitado por 620 milhões de pessoas, envolvendo culturas, histórias e tradições diversas. Para muitos pesquisadores, ela engloba apenas vinte países das Américas colonizadas por Portugal e Espanha: Argentina, Haiti, Bolívia, Honduras, Brasil, México, Chile, Nicaragua, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Paraguai, Cuba, Peru, Equador, República Dominicana, El Salvador, Uruguai, Guatemala e Venezuela. Já outros pesquisadores, incluem países que tiveram colonização francesa (Antilhas e a Guiana Francesa), inglesa (Belize, Jamaica e Suriname), e holandesa (Guiana).

A origem do território latino-americano é incerta, e diferente do que muitos pensam, sua história não começa com a chegada dos colonizadores europeus no século XVI. Considera-se que os primeiros seres humanos chegaram na América Latina há aproximadamente 20 mil anos, e assim ela foi palco de civilizações extremamente avançadas, como as astecas, maias e incas. Conhecidos como povos pré-colombianos, eles viviam da caça, pesca e agricultura e estima-se que durante esse período residiam 40 milhões de nativos. Com um modo de vida completamente diferente do conhecido pelos europeus, os povos nativos não se utilizavam de vestes, não tinham ambição de ouro, eram pessoas simples que viviam com pouco. Esse fato, foi o primeiro choque de contato entre europeus e nativos, em que, rapidamente, foram nomeados pelos recém chegados como primitivos, inferiores e atrasados.

Dessa forma, com a chegada de Cristóvão Colombo nas Américas em 1492 tudo mudou para a região e suas civilizações. Enquanto a América anglo-Saxônica vivia por meio de suas colônias de povoamento e extensa liberdade para se desenvolver, já na América Latina, sua colonização foi diferente: por meio da exploração de recursos naturais para o benefício das metrópoles. Os principais colonizadores da América Latina foram Espanha e Portugal, embora também houvesse a participação de países europeus, como Inglaterra, França e Holanda. Uma das primeiras e principais consequências dessa colonização foi para os povos originários, em que na tentativa dos colonizadores em dominar os territórios americanos, as populações nativas foram praticamente exterminadas com estimativa de mais de 70 milhões de mortes de indígenas, das mais diversas e cruéis formas como a propagação de doenças, a devastação das terras ou pela violência direta. Há também, o choque de padrões culturais distintos que os indígenas latino-

americanos sofreram, deixando marcas profundas nesse povo até os dias atuais como a negação de direitos, a discriminação e a ideia que pairava no imaginário social de que indígena é preguiçoso.

Com o desenvolvimento da monocultura do açúcar, foi-se utilizado o trabalho escravo africano, majoritariamente de africanos negros, traficados a partir de um complexo sistema de escravidão que consistia da colônia e a necessidade de mão de obra para o trabalho nos latifundiários, que era realizado pelos portugueses a partir de suas colônias portuguesas no continente africano. Dessa forma, os negros africanos eram capturados nas guerras tribais e negociados com os traficados em troca de produtos, como o aguardente, fumo e outros, e em seguida, encaminhados para navios que traspassaram mar da África em direção às Américas, mas os problemas só estavam começando, pois as condições dentro das embarcações eram insalubres, em que os capturados eram amontoados nos porões dos navios com muitos deles, recebiam uma porção de comida por dia em pouca quantidade e água da mesma maneira, além de que tinham que fazer suas necessidades onde dormiam e comiam pois não havia um espaço para isso, como também recebiam inúmeros castigos físicos pelos colonizadores, sem nenhuma perspectiva e retirados totalmente da vida que antes conheciam e obrigados a encaminhar para um desconhecido que foi responsável por um legado persistente até hoje.

Como também, os escravos que sobreviveram à travessia marítima, chegavam aos portos e eram vendidos em praça pública através de leilão, mas não se restringia a isso, por meio também de transações comerciais. Um momento que perdurou até 380 anos para sua abolição, mas será que realmente não existe nenhuma forma de discriminação contra negros latino-americanos nos dias atuais?

Nessa perspectiva, a América Latina, é formada por três principais grupos étnicos: o branco europeu, o negro africano e o indígena. Que, ainda em um mesmo espaço, ocupam diferentes posições, geralmente o descendente de branco europeu em uma posição mais alta, o negro africano em uma posição mais baixa e o indígena completamente à margem da sociedade. Essa realidade fica muito evidente em ambientes urbanos espalhados pela América Latina, uma vez que pessoas brancas têm mais acesso à moradias melhores com maior qualidade de vida e acesso à saúde, lazer, educação e alimentação melhores, entretanto, pessoas negras, por um viés histórico, são mais propensas a ter que buscar por localidades mais baratas e conseqüentemente, mais longe dos centros da cidade, onde tem mais oferta de emprego, necessitando de maior mobilidade para chegar ao trabalho/educação. Além dos povos indígenas, que desde sempre são completamente marginalizados da sociedade, com o estigma de que esses povos “só devem viver no meio do mato e não ter acesso ao que o ‘homem civilizado’ tem”. Assim, essa situação criada a partir da maneira como a América Espanhola-Portuguesa foi desenvolvida gerou e gera efeitos até os dias de hoje de marginalização, exclusão e desigualdade social por toda a região.

Essa herança histórica pode ser mais ainda enxergada com pessoas negras em que, as desigualdades raciais/étnicas em intersecção com outras formas de iniquidade como a discriminação de gênero e as desvantagens socioeconômicas acarretam uma maior exposição das famílias negras a situações de vulnerabilidade, seja ela individual, social e programática. Um dos efeitos desta intersecção pode ser percebido em termos do acesso à moradia com infraestrutura inapropriada. A exposição de indivíduos a acentuados níveis de desigualdade os têm levado a residir em locais com infraestrutura precária ou inexistente: com sério comprometimento

de abastecimento de água potável, de coleta e tratamento de esgoto, limpeza urbana, manejo de resíduos sólidos, manejo de água pluvial que são essenciais para a prevenção de enchentes, controle de pragas e de algumas doenças, dentre outros fatores, além do acesso à energia elétrica e pavimentação.

Além disso, há o fator da saúde, uma vez que de acordo com o Habitat Brasil, a falta de moradia digna impacta diretamente a população, pois o acesso à água, higiene e saneamento básico são fatores essenciais no controle de algumas doenças, e isso pode ser enxergado em países que adotam políticas de saúde pública como Brasil (SUS) e Chile (FONASA).

A América Latina, pela maneira que foi criada, por ter sido invadida e desenvolvida no modelo europeu, carregando até os dias atuais, consequências dessa desenvoltura, como a sua atrasada economia e seu subdesenvolvimento latino-americano, que resulta numa dependência latino-americana em outros países, principalmente nos EUA e Europa Ocidental.

Essa região, colonizada pela Espanha e Portugal, seguindo o ideal europeu e a maneira europeia de formar uma economia, sociedade e política, sofreu profundas transformações em um período de tempo tão curto, gerando a morte de diversas etnias de povos originários, desmatamento em massa, inserção de novos indivíduos, hábitos, e costumes na localidade e o apagamento de modos de vida.

Nesse sentido, a Europa sustentou sua economia e desenvolvimento durante séculos por meio da exploração dos povos nativos, anexação de novos territórios e no uso de sua terra e da escravidão dos negros, e assim desenvolviam sua economia e reforçavam seu poder econômico e político. É importante lembrar que os indivíduos afetados por esse abuso não aceitavam pacificamente as inúmeras agressões desses povos e reagiram. Os povos indígenas latino-americanos foram o que mais compunham o trabalho forçado, principalmente na América Espanhola com estimativas de uma redução de 90% da população nativa ainda no Século XVI (WACHTEL, 2018) - o trabalho escravo na América espanhola foi composto majoritariamente pelos povos locais. Eles foram muito estudados pelo frade dominicano Bartolomeu de Las Casas (1484-1566) que dedicou diversas obras ao estudo do comportamento dos indígenas diante da conquista espanhola e suas observações podem ser estendidas para grande parte do período de existência da escravização dos nativos. Sob uma aparente indolência e preguiça, os nativos submetidos ao sistema escravista buscavam formas de resistência aos mecanismos institucionais de dominação que frequentemente se manifestavam de forma mascarada e implícita. Dentre os modelos de resistência adotados pelos indígenas foi a tentativa de manutenção dos códigos linguísticos e culturais frente às imposições homogeneizantes da Coroa espanhola. Além da comunicação em dialetos locais, muitos dos povos buscavam perpetuar seus costumes e valores através de ritos ou canções, todos mascarados e infiltrados no sistema colonial, principalmente uma resistência voltada para a preservação de sua língua ancestral, com revoluções e revoltas, abrindo um horizonte alternativo de libertação. Os povos africanos negros utilizavam de práticas de fuga e formação de espaços de preservação da cultura e vida como os quilombos (Brasil) e Palenques (Colômbia e Venezuela). Há também, o modelo econômico impiedoso de extrativismo e monoculturas, pelos latifúndios. É essa a herança colonial que os países de primeiro mundo deixaram para as recentes pátrias independentes, que se veem sem recurso e apoio internacional, tendo que recorrer a outros meios para desenvolver sua nação e ter ao menos um Estado autossuficiente.

Como também, os indivíduos afetados por esse abuso, reagiram com revoluções e revoltas, abrindo um horizonte alternativo de libertação. E assim, as lutas populares, seja de povos originários, seja de populações que foram se formando nas ex-colônias, foram essenciais para a pouca representação de lutar pelo que o povo queria e ansiava, muitas vezes, direitos fundamentais, sendo a única força de resistência contra países com ideais de exploração e sobreposição de etnias sobre as outras.

2 Desenvolvimento

Nos dias atuais, a população urbana na América Latina representa cerca de 80% do total, de acordo com o CEPAL, sendo a região mais urbanizada do mundo em desenvolvimento, em que dois terços da população latino-americana vive em cidades de 20.000 habitantes ou mais.

Dessa maneira, atualmente, esses países, sem nenhum apoio e financiamento, já que muitos dos seus recursos e tecnologias são agregados a países desenvolvidos sem nenhum reconhecimento, tentam sobreviver ao sistema capitalista, por meio do comércio de commodities, deteriorando seu meio ambiente, povos locais e gerando um grande abismo de desigualdade social,

Ainda mais quando se discute sobre a mineração, gerando consequências como a poluição de recursos hídricos, poluição do ar e sonora, descaracterização do solo, mas também o prejuízo físico e psicológico de pessoas que trabalham com em mineradoras, sendo submetidas a trabalhos físicos exagerados, obstruindo o desenvolvimento da região.

Desse modo, a América Latina carrega os recursos naturais que já se extinguiram nos países desenvolvidos, e em meio a governos corruptos, encarecimento de preços, desigualdade social, preconceito, portam os recursos da natureza essenciais à sobrevivência da espécie humana, e são disputados por países estrangeiros com recursos financeiros, que passam até por cima da soberania do país para ter acesso àquele bem.

Sob essa perspectiva, é possível notar os efeitos que América Latina sofre, por conta de seu surgimento por meio da invasão de europeus e seu desenvolvimento tardio, tendo que recorrer ao esgotamento de seus recursos naturais para ter-se o mínimo de prestígio internacional e o crescimento de sua economia, e uma grande dependência de Estados que importem seus produtos.

Uma característica muito presente na América Latina é a concentração de renda, em que “poucas pessoas têm muito recurso/capital/financeirização/dinheiro e muitos têm poucos bens”. Isso se dá principalmente por conta de uma herança colonial, é possível enxergar famílias que estão no poder nessa época que herdaram poder de seus antepassados no período colonial, no qual, ainda regem o sistema latinoamericano, suas economias e luxam com bilhões, em contrapartida, muitas famílias que chegaram a esta terra, sem nada e aos poucos tiveram que construir algo depois de décadas sendo submetido a sistemas cruéis, não possuem nada.

Segundo Stiglitz, a exploração dos colonizadores semeou a desigualdade na América Latina, bem como a distribuição desigual de terras nas economias agrárias contribuiu para “a criação de algumas famílias muito ricas e muitas famílias muito pobres”. Em vários países da América Latina, além do aspecto financeiro e de poderio, a desigualdade se cruza com as

questões raciais: Na América Latina, a incidência de pobreza é ainda maior nas áreas rurais, e entre indígenas e negros, afirmou a Cepal em relatório de 2019 sobre o cenário social da região, e esta longe de ser resolvido, em uma região com raízes tão profundas e sistematicamente desenvolvida na desigualdade.

Nessa ótica, a maneira como a América Latina se formou reflete até os dias de hoje nos países. E uma das formas mais relevantes que é possível identificar nas Nações é o jeito que os grandes centros urbanos latino-americanos são estruturados. Na América Latina, é curioso analisar que com sua maior participação da divisão internacional do trabalho e a formação das suas metrópoles, se estruturaram novos territórios e organizações, intensificando seu processo de desenvolvimento. Com a devida formação dos centros urbanos, inicia-se e vai mostrando outras paisagens, delimitando os espaços, a divisão entre os bairros jardins da burguesia comercial e industrial e do outro lado, os famosos “cortiços” no Rio de Janeiro e São Paulo, os “conventillos” em Buenos Aires e Montevideú, entre outras, sendo moradias coletivas das populações de menor poder aquisitivo que tinham nas grandes cidades mas não havia lugar para elas. Dessa forma, o impacto da existência dessas residências foi tão grande que deram origem a vários temas literários e berço do tango, do samba e de tantos outros estilos musicais originários da América Latina. Mais uma vez, nota-se os abismos em um mesmo território: as elites agro-comerciais e industriais e do outro lado, os imigrantes e pobres que foram expulsos do campo, obrigados a ir em direção às cidades, em busca de melhores condições de vida.

Um estudo publicado pela revista *The Lancet* em dezembro descobriu grandes diferenças na expectativa de vida nas cidades da América Latina. E essas lacunas dependem, por exemplo, do bairro onde as pessoas moram: se ele for mais pobre, a tendência é de que seus moradores vivam menos do que os habitantes de regiões mais ricas.

Já durante a primeira guerra mundial e a segunda guerra, intensifica-se o processo de produção industrial “por substituição de importações”, e após a segunda guerra mundial é produzido uma profunda crise econômica do capitalismo industrial, assentando territorialmente as metrópoles latino-americanas, pois, com essa alavanca de produção e comercialização vinda da guerra, moldou a economia internacional e as relações entre os países, assim essa modernização trouxe mudanças na divisão do trabalho, uma vez que, no campo, as máquinas substituíram o trabalho braçal, deixando uma grande massa da população obrigada a emigrar para as cidades para se tornar a nova força de trabalho na nova atividade industrial, sendo nomeada de “urbanização acelerada” que modificou e homogeneizou a distribuição territorial da população.

Ainda no século XX, com as influências de Le Corbusier, surge uma nova forma de organizar as cidades por meio da arquitetura. Composto por 4 elementos, que devem nortear a organização urbana, a função de morar, trabalhar, circular e lazer, e suas teorias foram dominantes em todas as cidades latino-americanas. Formada por grandes blocos de moradia para operários. Essa nova fase da organização das cidades, tira do cidadão a possibilidade de construir seus próprios territórios. Junto com esse modelo urbanístico, se produzem as periferias urbanas durante a década de 1960-1980, com conurbações ao redor de cidades principais onde ficava as grandes indústrias, e de forma quase “natural”, famílias que possuem alto poder econômico, compram grandes terrenos e dentro dos centros industriais e pessoas com menor poder aquisitivo precisam ir para locais mais afastados dos centros por ser mais barato. Esses são de forma resumida, a história da formação

das cidades dos países da América Latina, e mesmo Estados com características e cultura única, compartilham sua formação com nações vizinhas. Em suma, esses países precisam carregar essa marca na sua historicidade e sofrem as consequências até os dias atuais desse processo, com a tentativa de seus governos amenizar situações que se alastram e só mostra a fragilidade da região que se encontra.

Ainda no segundo milênio, mesmo com tantas mudanças, ainda é possível ver essa realidade presente no dia a dia de latinos-americanos, ainda pela própria arquitetura e urbanização, a cidade tem cada vez menos um papel estético que mostra a cultura daquele local para se tornar um lugar funcional, com prédios de vários andares, viadutos, construções verticais, avenidas elevadas e túneis, todo tipo de construção para que permita o trânsito do transporte urbano, assim, a cidade é para e pelo automóvel.

A paisagem e os territórios das cidades e em especial das metrópoles se transfiguravam pela multiplicação dos automóveis particulares que começou a congestionar as ruas e avenidas tanto nos centros urbanos como nas áreas industriais metropolitanas. Há infinitos congestionamentos de trânsito, contaminação do ar, irritabilidade dos motoristas e mais que em toda a história das cidades da América Latina, uma maior e mais gritante separação entre as elites e os pobres. Os lugares, que agora são de duas classes, estão cheios de novas formas e costumes de consumo: shopping center, hipermercados, condomínios fechados e estes rodeados de altos e fortes muros de proteção e guaritas com seguranças. Os outros são os dos pobres longe do trabalho, inseguros e enfrentando poucos ônibus e sempre superlotados, que realizam longos deslocamentos demorando várias horas nas viagens. “Cada país traz, especialmente, as resultantes do sistema internacional da dominação capitalista (como formas de trabalho e localizações produzidas aos pobres), quando a riqueza realizada materialmente gera e agudiza desníveis” (Costa, 2017, pp. 56-57).

Nos últimos anos houve um crescimento no número de pessoas que aderiram às regiões de moradia chamadas de condomínios fechados ou privados, sendo a América Latina, o primeiro lugar do mundo que começou a utilizar os condomínios fechados. A partir da década de 1970, esse tipo de moradia que até então estava adormecido, tendo sido visto anteriormente em 1750, com a expansão da globalização, essa forma de ambiente nos centros urbanos começou a surgir nos Estados Unidos da América(EUA) diversos empreendimentos imobiliários residenciais novos que adotaram a fórmula fechada, especialmente localizados em zonas turísticas, com destaque para o Estado da Califórnia. E mais ou menos na década de 1980, foi possível ver essas moradias no Chile e Brasil afirmando-se como uma importante realidade.

De acordo com essa, os condomínios fechados correspondem a uma forma socioespacial residencial que contempla um conjunto diverso de soluções de habitação (edifícios isolados e conjuntos de edifícios de apartamentos; conjuntos de moradias; conjuntos mistos que incluem os dois tipos anteriores) e que detém, simultaneamente, as três características seguintes: 1) equipamentos privados ou privatizados de utilização coletiva em número e tipo variável (e.g., ruas, piscinas, campos de tênis, jardins, parques); 2) impermeabilidade do perímetro e controle do acesso (Luymes, 1997) de tipo e grau variável;

3) propriedade privada coletiva (ou acesso ao usufruto coletivo/privado) de espaços exteriores associados à função residencial que coincidem com ou constituem o suporte físico dos

equipamentos já referidos.

Sejam os condomínios verticais ou horizontais, as motivações para viver nessa realidade são a sensação de segurança, com altos muros, cerca elétrica e vigilantes, a privacidade e estruturas de lazer, como parquinhos, academia, quadras poliesportivas. Ou seja, a ideia de se ter um espaço comum com segurança, conforto e praticidade, atrai muitos çatino-americanos para esse estilo de vida.

Já no início do século XXI, com o advento da globalização, ela trouxe mudanças drásticas de um discurso associados a situações econômicas, políticas e culturais que alcança a mobilidade da comunicação social, nomeada pelo intelectual Milton Santos como o período do “meio técnico-científico-informacional”, por conta do papel que a ciência e a tecnologia tiveram para poder internacionalizar esse fenômeno, e como ela mudou drasticamente a vida das pessoas ao redor do mundo, determinando os processos econômicos, políticos, culturais, migratórios e jurídicos que produzem e determinam os espaços e seus territórios a nível mundial. Essa drástica mudança em um período tão curto de tempo, fez com que países que não tinham nem uma economia e sistema político estável tivessem que se adaptar a nova ordem mundial da tecnologia, sem leis e regulamentação certa de uso, tendo que às pressas criar e desenvolver um modelo econômico, sua indústria e sua população.

É muito comum em cidades da América latina o fenômeno de em meio a um crescente aumento da população e um êxodo rural, gerar-se um aglomerado de sujeitos que muitas vezes não tem moradia para todos, ademais, há a especulação imobiliária que gera a melhoria de uma região a partir de infraestrutura e o aprimoramento no bairro, entretanto ela cria um fenômeno de gentrificação, que consiste em um aumento do preço em uma localidade por conta de um processo de mudança na paisagem urbana que valoriza aquela região, tornando os valores dos imóveis e comércio mais altos, fazendo com que pessoas com menos poder aquisitivo tenham que se mudar para localidades mais distantes dos centros, onde geralmente ficam os ambientes de trabalho e lazer, ocasionando um menor acesso a centros de lazer e comercial e mais tempo na locomoção até o lugar necessário.

Outro grande ponto é a questão da mobilidade urbana, que por definição é a capacidade e a facilidade de se locomover, se referindo a tudo que é móvel. Quando colocamos o termo num contexto social, facilmente confundimos ou generalizamos como transporte, seja de bens ou de pessoas, mas o significado de mobilidade vai além, é a capacidade de chegar aos lugares necessários para a vida social, como trabalho, escola, parques, comércio, hospitais etc. A mobilidade urbana na América Latina é um dos maiores empecilhos no contexto presente, por conta de uma precarização no chamado transporte coletivo e a necessidade da população de preferir transporte individual, essa escolha gera um efeito manada de falta de políticas públicas voltadas para a melhoria dos transportes coletivos, fazendo com que muitas pessoas que dependem desses meios de transporte, geralmente famílias com menor poder aquisitivo, para se locomover precisem gastar horas dentro desses meios para chegar ao destino que de automóveis levaria muito menos tempo.

Resultado de um curto e rápido processo de urbanização e industrialização, a mobilidade passou por uma crise após 1980 que começa a surgir os transportes individuais, o aumento de rodovias, e das conseqüências da adoção de políticas neoliberais de abertura econômica na

década subsequente no funcionamento interno dessas metrópoles e em especial no setor de transportes coletivos urbanos; e o predomínio de transportes rodoviários favoreceu a dificuldade de se desenvolver de maneira satisfatória um transporte público de qualidade, que atenda todos os públicos em todos os horários.

Uma falta de planejamento urbano nas grandes cidades latino-americanas é um dos maiores problemas atuais na região, consequência de um rápido processo de urbanização ocorrido de forma desproporcional, os cidadãos da América-latina sofrem com uma grande degradação ambiental, baixa mobilidade urbana, entre outros. De acordo com a Organização das Nações Unidas, a região latino-americana é a mais urbanizada e desigual do mundo, isso porque em muitos países, o crescimento exponencial da população não acompanhou ou prolongou os investimentos de infraestrutura, habitação e meio ambiente – impactando diretamente nas necessidades urbanas. E os resultados disso são os problemas ambientais como poluição do ar, desmatamento, diminuição da biodiversidade da fauna e da flora, chuva ácida; a ocupação de áreas irregulares- como as “favelas” no Brasil e as “villas miserables” na Argentina, como também os altos índices de violência nessas regiões mas no meio urbano latino-americano como um todo, que muitas vezes, foram formadas apenas pelo aglomerado de pessoas em um mesmo espaço, sem infraestrutura e apoio governamental em sua localidade.

3 Considerações finais

Torna-se evidente, portanto, que o meio urbano da América Latina possui uma formação muito complexa e desigualdades enraizadas desde a chegada dos europeus no continente. Entretanto, é preciso cada vez mais políticas públicas para garantir que a urbanização acelerada fez nas regiões latino-americanas não propicie mais as desigualdades persistentes e que possa atender a todos os cidadãos de cada país. Assim como essa realidade e formação deve ser questionada olhando o passado, mas sem que prejudique o futuro da América Latina, uma área tão próspera com uma riqueza cultural inestimável. E que as políticas sejam cada vez mais voltadas para uma localidade urbana justa, ecologicamente confortável e sem desigualdade social, uma integração para todos os cidadãos pertencentes do meio urbano na América Latina

Referências

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Galeno de Freitas. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 307p.

BRASIL DE FATO. Dossiê: TxRicontinental, dependência e superexploração: a relação entre o capital estrangeiro e as lutas sociais na América Latina. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/08/27/dossie-txricontinental-dependencia-e-superexploracao-a-relacao-entre-o-capital-estrangeiro-e-as-lutas-sociais-na-america-latina>.

A TERRA É REDONDA. *As veias abertas da América Latina*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/as-veias-abertas-da-america-latina/>.

UNEP. Comércio de commodities agrícolas: impactos e desafios para. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/comercio-de-commodities->

agricolas-im pactos-e-desafios-para#:~:text=A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20commodities%20comerci alizadas,perda%20de%20habitat%20e%20biodiversidade.

CONFEA. Os impactos ambientais causados pela atividade mineradora. Disponível em: <https://www.confea.org.br/midias/uploads-imce/Contecc2021/Civil/OS%20IMPACTOS%20AMBIEN TAIS%20CAUSADOS%20PELA%20ATIVIDADE%20MINERADORA.pdf>.

POLITIZE. Especulação imobiliária. Disponível em: <https://www.politize.com.br/especulacao-imobiliaria/>.

FFLCH USP. Gentrificação. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>.

LEMOS, Everaldo. Artigo. Disponível em: <file:///C:/Users/Marco/Downloads/everaldo%20unb,+02%20Artigo%20 LEMOS% 2013-28.pdf>.

O PIAUI. O Brasil precisa de um SUS no transporte público. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/brasil-precisa-de-um-sus-no-transporte-publico/>.

DW. Opinião: O maior problema da América Latina é a desigualdade. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/opini%C3%A3o-o-maior-problema-da-am%C3%A9rica-latina-%C3%A9-a -desigualdade/a-57561382>.

DIPLOMATIQUE. Cortinas de fumaça do urbanismo. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/cortinas-de-fumaca-do-urbanismo/>.

POLITIZE. América Latina. Disponível em: <https://www.politize.com.br/america-latina/>.

TEMPUS. Artigo. Disponível em: <https://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/1342/1144>.

HABITAT BRASIL. Problemas do déficit habitacional. Disponível em: <https://habitatbrasil.org.br/problemas-do-deficit-habitacional/>.

CEPAL. Nota. Disponível em: https://www.cepal.org/notas_p/73/Titulares2#:~:text=A%20Am%C3%A9rica%20Latina%20%C3%A 9%20a,quase%2080%25%20em%20zonas%20urbanas.

PROQUEST. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/eceb70192da7784d5e1e77fc66b7a598/1?pq-origsite=gscholar&c bl=3882644>.

CORE. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/322640972.pdf>.

BN DIGITAL. Tráfico de escravos no Brasil. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/escravidao-no-brasil/trafico-e-comerci o-de-escravos/>.

ANPUH. Encontro. Disponível em: https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1594590824_ARQ UIVO_262b5210d9ac661fa8934cd539282ae1.pdf.

BBC. Segundo Stiglitz, a exploração dos... Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51406474#:~:text=Segundo%20Stiglitz%2C%20a%20explora%C3%A7%C3%A3o%20dos,e%20muitas%20fam%C3%ADlias%20muito%20>

pobres%22. REDALYC. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4028/402837817008.pdf>.

OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO AMÉRICA LATINA. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiadeltransporte/38.pdf>.

PROARQ. Disponível em: https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq_20-049.pdf.